



3.13 • Metamorfoses da violência

Ciclos históricos e conflitos de envergadura

Luís Moita

OS TEMPOS DE CRISE e as efemérides de desastres prestam-se a previsões catastrofistas. Como exemplo, Jacques Attali, símbolo de uma certa intelectualidade, usa um *blog* para recordar que “nada se parece mais com 2013 que 1913” e que “tudo se ajusta para criar a ameaça de uma terceira guerra mundial”, admitindo que o equivalente ao atentado de Sarajevo para os nossos tempos seja a disputa das ilhas entre China e Japão¹. De algum modo, tais previsões partem de um pressuposto implícito: a história tem tendência a repetir-se e podemos analisar o presente à luz das experiências do passado. No caso que agora nos interessa, as questões fundamentais serão as seguintes: temos à nossa disposição indicadores que ajudam a antecipar a iminência de guerras? Se acaso existem ciclos históricos regulares, de carácter ora económico, ora político, essa flutuação está de algum modo associada ao eclodir da violência? De uma maneira ou de outra, os possíveis ciclos são pontuados por guerras?

Os ciclos económicos

Vários historiadores como Toynbee ou Braudel analisaram as curvas e as rupturas dos grandes períodos históricos, mas os economistas são porventura os que têm maior tendência para verificar o movimento pendular dos ciclos económicos, identificando os indicadores que servem para medir as flutuações regulares e a sua maior ou menor frequência². Já o austríaco Joseph Schumpeter sustentava a sucessão de grandes vagas de preços ao sabor de ciclos de inflação-desinflação-deflação, determinadas por factores onde pesam sobretudo a inovação e o progresso técnico, bem como novos modos de produção ou a abertura de novos mercados. Distinguiu a chamada primeira revolução industrial (máquina a vapor, 1789-1848), a revolução do caminho-de-ferro (aço, 1848-1896) e a segunda revolução industrial (electricidade, 1900-1950). Mas vários outros autores estudaram ciclos de duração variável, uns mais curtos, como o de Juglar (cerca de 9-10 anos), outros de média duração, como o de Kuznets (18-20 anos). Talvez mais célebres de todos, porém, são os ciclos estudados pelo controverso economista russo Kondratieff (1892-1938), com uma duração que pode rondar os 40-60 anos.

A partir das suas análises, tem sido construída toda uma visão dos últimos séculos, ao sabor da sucessão de períodos identificados como de prosperidade, recessão, depressão e recuperação (por vezes metaforicamente designados como verão, outono, inverno e primavera). Em traços muito gerais, no século XIX teriam ocorrido dois ciclos, o primeiro dominado pela máquina a vapor e pelo algodão, o segundo referenciado ao caminho-de-ferro e ao aço, e outros dois no sé-

culo XX, o primeiro em que predominava a engenharia eléctrica e a indústria química, o segundo caracterizado pela petroquímica e pelo automóvel; ainda antes de terminar esse século se faria a transição para um novo ciclo económico dominado pela tecnologia da informação. Cada ciclo teria assim uma fase A – ascendente – e uma fase B – descendente, numa alternância entre expansão e estagnação. E estas ondas longas da evolução económica seriam essencialmente marcadas pelos ritmos do crescimento e pelos picos de inflação, no quadro já visto das grandes variações de matérias-primas e das transições tecnológicas.

“ [...] a possível coincidência no tempo da fase recessiva do ciclo de Kondratieff e do fim do ciclo hegemónico dos EUA seria um sinal perturbante [...] ”

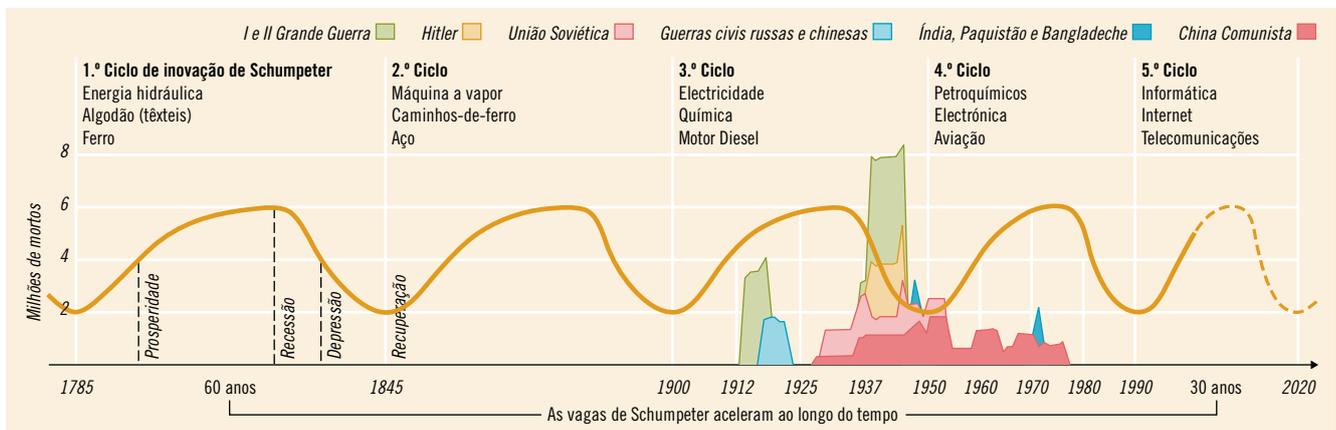
O já citado professor canadiano Rodrigue Tremblay escreve a este respeito: “Os picos de inflação dos ciclos de Kondratieff são ainda mais claros, já que, enquanto os períodos de desinflação se prolongam, os de intensa inflação são relativamente curtos. Houve inflação depois de Waterloo em 1815; a que coincidiu com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos em 1665-66; a que ocorreu depois da Primeira Grande Guerra em 1920-21; e a que culminou em 1980, após o fim da Guerra do Vietname (1962-1973) e a subida do preço do petróleo pela Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP). Verifica-se assim uma ligação evidente entre guerras e inflação”³. Este tipo de considerações poderá autorizar o estabelecimento de uma correlação entre ciclos económicos e guerras de grande dimensão; aliás o próprio Kondratieff parecia defender que as guerras se dariam com maior frequência na fase ascendente dos ciclos económicos. Mas os factos são demasiado complexos para permitirem semelhante conclusão: as guerras revolucionárias das primeiras décadas do séc. XIX deram-se em período de estagnação, a guerra franco-prussiana de 1870-71 ocorreu num pico de expansão económica, o mesmo aconteceu com a I Guerra Mundial e a revolução russa, enquanto a II Guerra Mundial foi travada em fase B de crise económica profunda. Todavia diversos outros autores concluíram pela regularidade do ritmo dos conflitos, como é o caso da obra clássica de Quincy Wright, que analisou as tendências dos últimos três séculos e neles verificou que as guerras ocorrem numa periodicidade aproximada de cada 50 anos, sempre em função de perturbações na estabilidade

macroeconómica⁴. Por sua vez, outros analistas, como é sabido, fazem uma leitura do séc. XX no qual descobrem uma associação entre crise e guerra: a I Guerra Mundial foi antecedida pela grande crise financeira de 1907⁵ e a II Guerra Mundial pela grande depressão de 1929.

Os ciclos hegemónicos

Em torno da questão da hegemonia, uma vasta literatura de Relações Internacionais abordou temas tão sugestivos como o das potências hegemónicas e dos ciclos hegemónicos. Os principais autores de referência neste domínio são porventura Immanuel Wallerstein⁶ e Robert Gilpin⁷, mas muitos outros exploraram o tema, uns em perspectiva estruturalista (teorias ditas da economia-mundo e do sistema-mundo), outros a partir da óptica “realista”. O que é interessante para o nosso assunto é que, de uma maneira ou outra, as suas teses tocam o problema que nos ocupa: a possível conexão entre guerras e grandes transições político-económicas.

Não sendo possível pormenorizar aqui as diversas teorias em presença e os múltiplos períodos identificados pelos especialistas⁸, recorde-se apenas a ideia-chave de que cada fase do sistema internacional é normalmente hegemónizada por uma potência dominante, a qual atravessa as conhecidas etapas de expansão ascendente, domínio consolidado e declínio mais ou menos lento. Encontramos assim um novo tipo de ciclos, não já os ciclos económicos de duração relativamente curta, mas de ciclos políticos de longa duração. Alguns autores atribuem a Portugal uma primeira posição hegemónica no início dos tempos modernos e o próprio Wallerstein salienta o improvável mas impressionante papel pioneiro de Portugal numa espécie de domínio de escala mundial⁹. Também não faltam análises segundo as quais teria havido um período em que a França seria a potência hegemónica entre os finais do séc. XVII e as primeiras décadas do séc. XVIII. Mas a generalidade dos especialistas destaca a sucessão de grandes vagas hegemónicas nos tempos modernos, a primeira das quais é por vezes caracterizada como “genovesa” – dada a importância que teve Génova numa fase crucial do desenvolvimento do capitalismo na sua primitiva forma mercantil –, outras vezes denominada “espanhola”, considerando a impressionante expansão do império espanhol, mas também referenciada ao Sacro Império Romano Germânico, designadamente no tempo de Carlos V, quando o trono espanhol se une à casa de Áustria dos Habsburgos. A este primeiro ciclo hegemónico sucede um segundo, que é o das Províncias Unidas dos Países Baixos, a actual Holanda, e que ocorre pelo menos a partir de meados do séc. XVII. A predomi-



Flutuação de ciclos. Guerras, massacres e atrocidades do século XX. Adaptação: OBSERVARE.

nância financeira das Províncias Unidas vem a par da expansão comercial e da influência em vastos espaços mundiais, desde o Oriente, onde a Companhia Holandesa das Índias Orientais – uma verdadeira e colossal firma transnacional – desalojou portugueses e espanhóis, até à implantação de colónias no continente americano, desde Manhattan até ao Brasil. Em traços gerais, a partir de meados do séc. XVIII afirma-se uma nova potência hegemónica, o bem conhecido papel do Reino Unido em que se dá a primeira revolução industrial e donde se estende o gigantesco império sustentado pelo domínio dos mares em todos os continentes. E, com sinais que remontam já ao séc. XIX, o século seguinte vai assistir à emergência de um novo ciclo hegemónico presidido pelos Estados Unidos.

Estes grandes ciclos políticos (Províncias Unidas, Reino Unido, Estados Unidos) foram pontuados por guerras de envergadura. Apesar de não ser permitida uma interpretação linear e mecânica que atribua primariamente aos grandes conflitos o papel de geradores de transições, a verdade é que surge alguma evidência na associação entre guerra e convulsão sistémica. Algumas das guerras servem mesmo como símbolo poderoso do fim de determinada ordem, substituída por outra nova: é o caso da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, entre 1862-1865, que, ao opor o Norte industrial ao Sul agrário e escravagista, assinala enfaticamente a vitória da sociedade industrial nascente sobre a milenar sociedade rural.

Nestes últimos quatro séculos da história europeia verificaram-se três períodos de guerra com duração de duas ou três décadas que funcionam como indiscutíveis pontos de viragem: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), as Guerras francesas e napoleónicas (de 1792 a 1815) e a chamada Guerra Civil Europeia (entre 1914 e 1945) com as duas Guerras Mundiais do século XX. Sem que haja uma correspondência servil entre estes conflitos de primeira grandeza e a sucessão dos ciclos hegemónicos, pode afirmar-se que a hegemonia das Províncias Unidas se consolida depois de 1648 a seguir à Guerra dos Trinta Anos, tal como o Reino Unido sai fortalecido após as campanhas de Napoleão, como ainda os Estados Unidos emergem como superpotência dominante depois do declínio das potências europeias, desgastadas pela competição entre Inglaterra e Alemanha na

sua disputa pela hegemonia mundial ao longo das duas guerras do séc. XX. E assim, de novo somos surpreendidos por esta possibilidade de vermos a guerra nas transições dos grandes ciclos históricos, porventura nos ciclos económicos com uma duração próxima dos 50 anos e nos ciclos hegemónicos com uma duração próxima dos 100 anos¹⁰.

Os riscos actuais

Uma pergunta anda no ar: estará a conjuntura internacional a aproximar-se de uma situação em que se acentua o risco de uma guerra de envergadura? Diversos argumentos podem ser invocados para a verosimilhança desta hipótese. Depois dos “30 gloriosos anos”, o capitalismo entrou numa fase de crise profunda, cujos sintomas mais evidentes são o desemprego em massa, a deslocalização violenta do processo produtivo, a crise das dívidas, a primazia da especulação financeira sobre a economia real e, como pano de fundo, a redução da taxa de lucro do capital. Pode pensar-se que estamos assim num momento crítico do ciclo de Kondratieff. Simultaneamente, multiplicam-se os sinais de que podemos estar a atingir o período final do presente ciclo hegemónico, com o alegado declínio do poderio norte-americano¹¹. Tal declínio ter-se-ia iniciado já nos anos 60-70 do século XX, assinalado pelo fim da estabilidade e da paridade fixa do dólar, pela derrota do Vietname, pela perda de posição comparativa dos Estados Unidos na economia mundial e, nos últimos tempos, pela probabilidade da disputa da hegemonia mundial entre os EUA e a China. Estariam assim em presença fortes analogias com a crise de há 100 anos, quando o declínio britânico deu lugar à disputa pelo predomínio internacional entre a Alemanha e os EUA, no quadro da “longa guerra civil europeia” de 30 anos, de 1914 até 1945. Actualmente, a possível coincidência no tempo da fase recessiva do ciclo de Kondratieff e do fim do ciclo hegemónico dos EUA seria um sinal perturbante a prenunciar um ponto crítico susceptível de provocar uma ruptura no sistema internacional. E a ascensão chinesa parece potenciar um novo confronto de incidência global.

Com razão Henry Kissinger termina o seu livro *Da China* com essa pergunta inquietante: a história repete-se? E recorda: “Vários comentadores, incluindo alguns da China, retomaram o exemplo da rivalidade anglo-germânica do século XX

como um presságio do que pode acontecer aos Estados Unidos e à China no século XXI”, para concluir mais à frente: “O argumento de que a China e os Estados Unidos estão condenados à colisão presume que lidem um com o outro como blocos concorrentes no Pacífico. Porém, esse é o caminho para o desastre para ambos os lados”¹². Talvez a história não esteja condenada ao retorno cíclico desse desastre. As actuais condições do nosso mundo não autorizam previsões repetitivas, tão grandes são as diferenças comparativas com o passado. ■

Notas

- ¹ Disponível em <http://blogs.lexpress.fr/attali/2013/01/21/201913-2/>, consultado em 30/12/2013.
- ² Sobre todo este tema pode consultar-se o texto de R. Tremblay, professor da Universidade de Montreal e ex-ministro do governo do Québec: *Les grands cycles économiques*, ASDEQ, disponível em http://www.economistesquebecois.com/files/documents/fr/0/rodriguettremblay-grands-cycles-economique05_1.pdf, consultado em 24/11/2013.
- ³ *Ib.*, p. 2.
- ⁴ Wright, Q., *A Study of War*, Vol. II, Chicago: The University of Chicago Press, 1942, com versão digitalizada integral disponível em <https://archive.org/details/studyofwarvol11001580mbp>, consultado em 17/2/2014.
- ⁵ Sobre esta crise, pode consultar-se Bruner, R.F. e Carr S. D., *The Panic of 1907: Lessons Learned from the Market's Perfect Storm*, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2007, os quais defendem que a actual crise tem muito mais analogia com a de 1907 do que com a de 1929.
- ⁶ O pensamento de Wallerstein é indissociável do do grande historiador francês Fernand Braudel, com quem ele trabalhou de perto, donde resultou a edição da sua obra basilar em língua francesa em dois volumes: *Le système du monde du XVIe siècle à nos jours*, Paris: Flammarion, 1980.
- ⁷ Gilpin, R., *War and Change in World Politics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1981. Ver também *Global Political Economy: Understanding the International Economic Order*, Princeton University Press, 2001.
- ⁸ Uma boa síntese acerca destas visões pode ser lida em Sandoval Ramirez, Luis, *La hegemonia mundial de las potencias. Una aproximación teórica*, in Problemas del Desarrollo, Revista Latinoamericana de Economía, Vol 34, Nº 131 (2002), disponível em <http://www.revistas.unam.mx/index.php/pde/article/view/7453>, consultada em 3/9/2013.
- ⁹ *Op. cit.*, Vol. I, p. 40 ss.
- ¹⁰ Um estudo exaustivo e extremamente documentado sobre este assunto é o de Joshua S. Goldstein, *Long Cycles: Prosperity and War in the Modern Age*, New Haven: Yale University, 1988, disponível em <http://www.joshuagoldstein.com/jgcycle.htm>, consultado em 17/2/2014.
- ¹¹ Para uma análise crítica deste pretendo declínio norte-americano, ver Laidi, Zaki, *Le début du déclin américain*; Esprit, Février 2009, disponível em http://www.laidi.com/papiers/esprit_0209.pdf, consultado em 30/12/2013.
- ¹² Kissinger, H., *Da China*, Lisboa: Quetzal Editores, 2011, pp. 549 e 563.